

Concurso nacional de acesso

Primeira fase positiva para a UBI

Estão preenchidas 77 por cento das vagas na UBI. A primeira fase de acesso ao Ensino Superior revelou-se "positiva" para a instituição. Das 1105 vagas iniciais ficaram por preencher 247. Manuel Santos Silva, reitor da UBI mostra-se satisfeito com os resultados conseguidos e espera pela segunda fase do concurso para preencher as vagas em falta.

Eduardo Alves

Começaram as matrículas para os novos "doutores e engenheiros". A UBI recebe este ano 858 novos alunos na primeira fase do concurso nacional de acesso ao Ensino Superior.

Das 32 licenciaturas que a UBI lecciona, 15 preencheram já a totalidade das vagas que ofereciam. As áreas mais procuradas pelos novos alunos continuam a recair sobre as Artes, Ciências Sociais e Medicina. Manuel Santos Silva, reitor da UBI considera que "os resultados obtidos pela universidade são bastante positivos". Lembra que o número de alunos a concorrer ao superior, está em decréscimo e que este ano, "a UBI abriu mais vagas que no passado". Um facto que contribui para leituras distintas das percentagens.

No geral, as licenciaturas de Medicina e Arquitectura continuam a ser as mais procuradas. Este ano, a nota do último colocado em Medicina foi de 180,7, enquanto que em Arquitectura, o valor foi de 154,6. Nas restantes licenciaturas há a registar uma preferência pelas Artes e Ciências Sociais. Comunicação com nota final de (129,5), Gestão (104,2), Sociologia (122,0), Psicologia (152,2) ou Design Multimédia (140,0) são algumas das licenciaturas

que preencheram a totalidade das vagas. Outro dos casos de sucesso apontados. Para o responsável máximo da UBI, "a adesão total à nova licenciatura só vem provar que são necessários novos cursos, quando estudados e feitos todos os requisitos prévios.

Engenharias e Educação em falta

No que respeita às engenharias e aos cursos relacionados com o ensino, o quadro foi bastante diferente. A nível nacional registou-se uma quebra de 13 por cento na procura de cursos cujas saídas profissionais apontam para a educação. Já as engenharias, que subiram cinco pontos percentuais em número de alunos, registam, na UBI, uma forte quebra.

A título de exemplo, o curso de Engenharia Civil, que abriu 70 vagas, apenas tem 28 alunos. Engenharia Mecânica que abriu 18 vagas, apenas ficou com dois alunos. Situação idêntica acontece com Engenharia Têxtil, que abriu 14 vagas e tem apenas um aluno colocado. Outro dos casos de maior falta de alunos diz respeito à licenciatura em Engenharia da Produção e Gestão Industrial (EPGI), que no ano passado não abriu qualquer vaga. No presente ano lectivo, EPGI oferece dez vagas, mas apenas uma foi preenchida.



858 novos alunos na UBI em 1ª fase

Quadro idêntico é registado nos cursos de Física e Química ensino, que ofereciam 15 vagas e apenas um aluno foi colocado. Registo semelhante nos casos de Informática Ensino, com 15 vagas, das quais, apenas quatro se encontram preenchidas e Matemática Ensino que abriu 20 vagas e tem dois colocados. No respeitante ao ensino, o curso de Língua e Cultura Portu-

guesa foi também um dos mais atingidos pela falta de alunos. Esta licenciatura preencheu apenas três das 25 vagas oferecidas. Contudo, o caso mais flagrante, na UBI, é o do curso de Português e Inglês, onde as 20 vagas abertas a concurso não registaram nenhum candidato.

Problemas de base nas disciplinas nucleares

Santos Silva explica a falta de alunos nas engenharias, áreas com mais saídas profissionais, devido "ao crescente desinteresse pelas físicas, matemáticas e químicas". Um problema que se arrasta do ensino secundário, onde os alunos mostram um desinteresse por este tipo de matérias. Para o reitor da UBI, as Ciências Exactas são fundamentais no desenvolvimento do País, o que força a tomada de medidas para inverter esta situação.

Os responsáveis da UBI sublinham também o facto de "continuarem a ingressar no Ensino Superior alunos com notas negativas". Algo que não se regista na UBI. Daí que a procura de cursos de Engenharia, nas universidades, tenha vindo a decair nos últimos tempos, em detrimento dos politécnicos. Para Santos Silva, "deveriam ser tomadas algumas medidas para balizar e generalizar esta situação". Regras iguais para todas as instituições.

Segunda fase com novo fôlego

Para a UBI, a segunda época do concurso nacional arranca com "nova força". Com as vagas que resultaram desta primeira etapa vai ser aberto concurso para as licenciaturas que ainda não estão totalmente preenchidas. O reitor mostra-se confiante quanto ao número de candidatos que possam vir a estudar na UBI. Para já, na segunda fase, a UBI vai oferecer 257 vagas em 17 licenciaturas diferentes. Todos os esforços vão ser feitos para conseguir o maior número de estudantes para a universidade, sobretudo, para as engenharias.

Panorama nacional

Para o ano lectivo de 2004/2005, concorreram pelo contingente geral ao Ensino Superior, 42 595 estudantes. De entre este número, 88 por cento conseguiram já a sua colocação. Falando ainda em percentagens, os resultados divulgados no passado domingo adiantam também que dois em cada três alunos foram colocados na licenciatura de primeira opção.

Depois deste concurso, vem a segunda fase, cujos resultados serão conhecidos a 6 de Outubro e as matrículas realizadas até dia 13 do mesmo mês. Para este concurso sobram 5 027 vagas que se distribuem por 523 licenciaturas.

Investigação e desenvolvimento

Covilhã pode ter laboratório de telecomunicações

Dentro de 10 anos a UBI poderá ter um pólo do Instituto de Telecomunicações. Esta é a opinião de Fernando Velez, docente de Engenharia Electromecânica na instituição.

O Instituto de Telecomunicações é um laboratório associado do Estado, sem fins lucrativos, com o objectivo de investigar e desenvolver projectos em áreas como redes sem fios, telecomunicações móveis, multimédia, entre outros. Este instituto conta com três pólos, em Aveiro, Coimbra e Lisboa, e com cerca de 200 investigadores doutorados.

A ideia de criar um pólo deste instituto na UBI surgiu porque "os docentes desta universidade fizeram os seus doutoramentos nos pólos de Aveiro, Coimbra e Lisboa, e quando regressaram sentiram a necessidade e a vontade de criar uma estrutura parecida" explica Fernando Velez.

Actualmente na UBI existe um laboratório que consegue agregar o grupo de mais de uma dezena de investigadores doutorados e outros tantos não doutorados. Fer-

nando Velez adianta que "para concretizar o Instituto de Telecomunicações na UBI só é preciso continuar a trabalhar no sentido de fazer investigação de qualidade e de formar pessoas que depois de doutoradas possam engrossar o grupo de investigadores", para o docente "10 anos é uma boa meta para a criação do pólo do instituto na Covilhã".

Na criação do pólo do Instituto de Telecomunicações na Covilhã, para além de aumentar o grupo de investigadores é ainda necessário que a universidade invista algum capital para se tornar sócia do instituto e na construção de um edifício próprio. A relação entre o instituto e a UBI seria uma parceria: "A universidade cede os seus docentes como investigadores. Por outro lado ganha a vantagem de ter mais facilidade em concorrer a projectos na área, nomeadamente projectos

europeus e internacionais, mais a credibilidade que isso representa", justifica Fernando Velez.

Actuals projectos

Actualmente o laboratório a funcionar na UBI conta com docentes dos departamentos de Informática, de Física e de Engenharia Electromecânica. Este laboratório desenvolve projectos na área das redes e do multimédia dos quais Fernando Velez destaca o "SAMURAI (Serviços e Aplicações Multimédia em Ambiente Hospitalar, Universitário e Urbano)", e ainda o MULTIPLAN que é sobre planeamento celular para comunicações móveis depois da terceira geração, suportando multimédia, voz, vídeo e dados". Há ainda várias candidaturas para redes sem fios e para investigação em redes móveis que estão à espera de aprovação. **E.A.**

Novos alunos

Porquê a UBI?

Quando se trata de escolher a universidade há muitos caloiros que colocam a UBI como primeira opção.

Acabou o 12º ano, e saíram as notas dos exames nacionais. E agora? Há seis opções para escolher entre muitas universidades e cursos. O que leva os novos caloiros a escolher a UBI como primeira opção?

Para quem mora na Covilhã a resposta é fácil. A proximidade de casa é a principal razão, motivo comum à maior parte dos caloiros que, por norma, preferem as universidades perto de casa.

Caloiro de Língua e Cultura Portuguesas, Ana Rita de 18 anos é da Covilhã. Para ela dois factores pesaram na decisão de escolher a UBI como primeira opção, "estar perto de casa e dos pais, e ainda a opinião de amigos que frequentam esta universidade, e falam muito bem das condições e do ensino" explica.

Há, no entanto, estudantes deslocados, para os quais a UBI também é primeira opção. É o caso de Filipe Ramalho de 19 anos, caloiro de Engenharia Informática. Escolheu a UBI por querer um "curso superior com mais qualidade, e na UBI este

curso é melhor que num politécnico" conclui.

As médias de entrada mais acessíveis são também uma razão forte para muitos dos que escolhem a UBI como primeira opção. Sílvia Santos veio de Macedo de Cavaleiros para o curso de Ciências da Comunicação. Foi pela Internet que soube da universidade e do curso, e foi a sua primeira opção por "ter a certeza que entrava porque as médias eram mais acessíveis" conta.

Para Vítor Gonçalves, natural de Bragança, os motivos são um pouco diferentes, "já tinha vindo à UBI e gostei do ambiente e das instalações, desde aí quis vir para esta universidade", explica.

As médias mais acessíveis são o maior chamariz para os caloiros que se candidatam à UBI. No entanto, para alguns esta ideia começa a mudar, e cursos novos são preenchidos na primeira fase e com médias altas, caso de Medicina, Psicologia e Arquitectura, por exemplo. **J.S.**